

Revista da

FACED

Universidade Federal da Bahia



7

ISSN 1516-2907

O Canto das Sereias: da escuta à travessia poética

RESUMO: A música numa sociedade de consumo e a música como Escuta. Interpretação do mito, do canto das sereias, da odisséia, do ponto vista mítico. O mito e a arte. O mito e o rito como linguagem e língua. Ulisses e o destino. O destino e a liberdade. A liberdade e o horizonte. O horizonte e a liminaridade. O apelo radical da Escuta e a experiência de vida como travessia poética.

PALAVRAS-CHAVE: música-escuta, destino-travessia

Manuel Antônio de Castro

Doutor em Letras
Professor Titular de Poética da
Faculdade de Letras da UFRJ
manuel@ufrj.br

Se procurar bem, você acaba encontrando não a explicação (duvidosa) da vida, mas a poesia (inexplicável) da vida.

Carlos

Drummond de Andrade

Respondeu-lhe Confúcio: O objetivo do jejum é a unidade interior. Isto significa ouvir, mas não com os ouvidos; ouvir, mas não com o entendimento; ouvir com o espírito, com todo o seu ser. Ouvir apenas com os seus ouvidos é uma coisa. Ouvir com o entendimento é outra. Mas ouvir com o espírito não se limita a qualquer faculdade, aos ouvidos ou à mente. Daí exigir o esvaziamento de todas as faculdades. E quando as faculdades ficam vazias, então todo o ser escuta.

A via de Chuang Tzu

Palavra Cantada: Consumo e Escuta

Se refletirmos hoje um pouco sobre nosso cotidiano, vamos notar que a palavra cantada se faz presente com muita frequência. Ela está ao nosso alcance de muitas maneiras e por diversos

meios técnicos. Mal levantamos e já ligamos o rádio, e neste as escolhas são variadas. Ou pomos um cedê para tocar e aqui as opções já são mais pessoais e atendem melhor a nosso gosto. Ela nos acompanha em nossas viagens. E até em muitos ambientes de trabalho lá está como um pano de fundo. Mesmo quando interrompemos as ocupações do dia-a-dia e espairecemos vendo um filme, assistindo à novela, lá vem eles acompanhados freqüentemente pela palavra cantada. Não bastasse essa sua onipresença, ainda escolhemos nos finais de semana ou nos feriados, ou simplesmente à noite, concertos musicais, shows de bandas, cantoras e cantores ou grupo musicais, para nos divertirmos e preenchermos nosso tempo livre. Assediados pela propaganda, nos prendemos sempre a novos sucessos e somos levados a comprar os novos cedês. A palavra cantada se tornou um lucrativo produto da cultura de massa. Somos sempre atraídos por novos arranjos, novas gravações técnicas, novas interpretações de canções passadas. E as canções novas se sucedem num leque de ofertas impossível de acompanhar. Há sempre em nós um apelo misterioso para a compra de tais produtos. Essa oferta abundante e variada da palavra cantada em nosso tempo não deixa de ser altamente positiva. Nunca os seres humanos tiveram tanto acesso à palavra cantada, dando oportunidade a cada um de desenvolver suas possibilidades pelo seu poder realizador. Não se tornou apenas um produto de alto consumo, mas de variados estilos e gêneros. Claro, na maioria das vezes como um apelo ao consumo pela novidade e não realmente pelo que significa de novo. Mas o que é o novo? O limiar entre novidade e novo, entre erudito e popular, ou qualquer outra classificação, é sempre complexo, instável e enigmático. E, às vezes, puramente formal. O limiar sempre nos interroga e questiona. Não é algo demonstrável.

Felizmente, vivemos um tempo de valorização das diferenças e a pretensa existência metafísica de um modelo ideal, a partir do qual se poderiam avaliar as produções, torna-se cada vez mais difícil de sustentar. A medida, seja qualitativa seja quantitativa, como bem acentuou Antônio Jardim (1997) em sua tese: *Música: vigência do pensar poético*, é uma das características do pensamento metafísico ocidental. Podemos medir falas, mas como medir no canto o encanto, o seu poder revelador, enquanto voz do silêncio? Como eles não são dimensionáveis, a ciência, filha predileta da metafísica, os classifica como algo estético e subjetivo.

vo, ou seja, não objetivos nem reais. Por outro lado, em meio à enxurrada de produtos musicais, produzidos sob a ótica e a estratégia do lucro, como “saber” o que é verdadeiramente palavra cantada artística? Não há, de novo, uma resposta certa, pois são tantos e tão variados os conceitos de arte, pensamos. Estes se sucedem uns aos outros e passam. Parece que tudo se torna relativo. Mas não, definir é encerrar numa proposição lógica o real e sua verdade. Essa é a pretensão metafísica. O lógico vem de Lógos e é um empobrecimento do seu significado radical. O Lógos significa reunir e dizer. Reúne linguagem e realidade enquanto sentido e verdade, e identidade e diferença. Querer encerrar o real/linguagem no lógico é querer e pretender reduzi-lo a um enunciado da linguagem. Nenhum enunciado dá conta do real/linguagem. Há um contra-senso querer encerrar o real/linguagem num simples enunciado que só existe a partir da Linguagem. Os limites do enunciado – a de-finição – não podem ser mais amplo e estar além da própria linguagem/real. A finitude não produz o real, mas é pro-duto do real. A linguagem não é uma faculdade do homem. Nós não possuímos a linguagem, a Linguagem é que nos possui, e só somos aquilo que somos quando acolhemos e correspondemos ao apelo da Linguagem. Nós, por isso mesmo, não sabemos o que é a Linguagem, porque ela se dá enquanto se retrai, daí a sua ambigüidade. Tudo o que dizemos só o dizemos a partir da Linguagem. Para ela nos remete o poético enquanto apelo poético, sempre paradoxal e ambíguo. Este se dá e vige nas obras, que perduram para além dos modismos e das avaliações críticas, que também passam. Resta sempre a obra que se impõe pelo seu vigor poético e ultrapassa o seu contexto e qualquer classificação formal e estilística. Os ouvintes se sucedem e também passam. Toda obra poética, como lugar da questão originária, sempre se atualiza como convite à Escuta.

Na realidade, estes são problemas criados por uma tradição metafísica, que acaba por nos desviar da verdadeira problemática da presença-doação e vigor da palavra cantada enquanto obra poética. Quais seriam os verdadeiros problemas? E não haveria uma certa arrogância teórica em, de repente, estar de posse, da “verdadeira problemática”? O crítico ou o teórico precisa perder a arrogância de querer julgar e determinar o que é ou não artístico. A força, o vigor está na própria obra e não na fala do crítico. É um tal vigor que cria o seu próprio tempo, o tempo poético. Ao

crítico cabe trabalhar em torno deste vigor poético, não como julgamento, mas como Escuta.

Há alguns indícios dessa indústria cultural que facilitam uma distinção entre a obra poética e o produto simplesmente para consumo. São produtos, como a maioria do que se faz em nosso tempo, descartáveis e de duração determinada pela saturação do consumo, no caso, a audiência. Dominados pela banalização, repetição e simplificação, são feitos tendo em vista um fim prévio e predeterminado à sua criação: atingir o grande público, vender e dar lucro. Esta é a lógica do mercado e do sistema, um sistema que se tornou onipresente e que a tudo quer controlar, pois determina o que é real, aí incluído, o poético, como o que resulta de conceitos científicos enquanto resultado da correlação sujeito/objeto e dos mecanismos e apelos da sociedade comunicativa. São, pois, produtos de um sistema que tendem a confirmar o sistema, por mais que muitos desses produtos irrompam no mercado como produtos diferentes. São diferentes apenas e tão-somente enquanto possibilidades previstas no próprio sistema de controle. Neles, não se faz presente a força poética. E esta age independente do crítico, do ouvinte e até do compositor e, sobretudo, apesar do sistema.

Hoje, a realidade é concebida de maneiras diferentes: pelo sistema científico, pelos sistemas religiosos e pelo tradicional senso comum. Apesar desses diferentes sistemas de realidade, há também a presença incontornável e gratuita do imaginário, do extraordinário e da possibilidade do tempo poético em cada um: é quando a arte atua. A presença dos sistemas nos sufoca e nossa vida se sucede dentro de um tempo cronológico, onde tudo está predeterminado, onde nossas ações já estão previstas, onde não há lugar para o inesperado, e nossa travessia, como projeto de vida, se torna algo funcional, em que todas as nossas ações estão em função de uma finalidade, de algo que o sistema espera de nós. O que somos e não somos tem de ser funcional. E é nessa perspectiva que a palavra cantada, em geral, se faz presente em nossa vida. E é nessa perspectiva que ela é produzida: ela tem uma função estética. Serve, em meio ao trabalho rotineiro e cansativo do cotidiano, para e alivia, nos lança numa descontração que nos dá a sensação de liberdade e realização. Isso é espriar, amortecer o tom cinzento, cronologicamente repetitivo e vazio da vida, para dar um pouco de sentimento e prazer às horas sem

sentido de nossa vida, para nos causar prazer e sensações agradáveis. A palavra cantada distrai importante, mas ainda não significa que nos tenhamos aberto para o verdadeiro poder poético da palavra cantada, para a sua Escuta, porque fazemos dela uma atuação ao nível de nossos sentimentos e da desrepressão do sistema, atuando em nossa subjetividade. Daí ser ela, em geral, confundida com o lírico, como expressão de uma subjetividade. Fala-se então no eu-lírico, numa denominação imprópria e formal, que atende mais ao aspecto narrativo que ao lírico. A atuação da palavra cantada, confundida com o sentimento subjetivo, ainda não é a abertura para o vigor poético da obra, para a sua Escuta poética. O vigor do lírico reconduz as diferenças à identidade do um, fazendo do eu e do tu um nós, por isso não há eu-lírico. Este nós é a proximidade identitária das diferenças, tendendo ao um enquanto um-no-outro (eu/tu).

O envolvimento sentimental, estético, com a palavra cantada não é tudo. Quando ela é portadora de um vigor poético, algo de radicalmente diferente pode nos acontecer. Mas não somos nós que determinamos esse vigor poético. A nós cabe estar atentos e nos abirmos para a sua epifania: é o tempo poético como Escuta. Ao contrário de outras artes, a palavra cantada nos advém essencialmente como Escuta. Mas o que é a Escuta? Que Escuta nós realizamos em nosso cotidiano repetitivo e automatizado, e até mesmo quando intencionalmente nos dirigimos a um concerto ou a um show musical? Será essa a Escuta que a palavra cantada nos solicita? Pode até ser, mas é desde já necessário acentuar que o vigor poético da fala da palavra cantada exige de nós uma abertura de pura disponibilidade: é a Escuta não subjetiva, mas poética. O que é a Escuta, repetimos?

Palavra Cantada: Mito e Lógos

A filosofia, a teologia e o saber científico ao longo dos séculos, tentaram insistentemente eliminar o mito. E, de fato, hoje a ciência para tudo parece ter uma explicação científica, e a terra e o céu, em lugar dos deuses, estão desmitificados e repletos de artefatos técnicos e ondas comunicativas. Diante disso tudo, porém, sentimos no mais íntimo de nós que algo falta. Isso não é tudo, gerando um desconforto e uma insatisfação. Mas o tempo dos deuses não pode voltar e estamos irremediavelmente mais

pobres, porém nem tudo está perdido. Porque se os mitos foram expulsos de nosso horizonte, eles continuam presentes e fortes, porque eles não são invenções ficcionais nem irreais. Também não são explicações causais para os fenômenos naturais ou psíquicos, como uma mitologia de base científica nos quer fazer acreditar. Nossas mentes e línguas, poluídas por saberes metafísicos e científicos, sentem uma real dificuldade de se abrir para o saber dos mitos. Eles são a dimensão mais profunda do que em nós é e teima em ser. Foram-se os mitos, mas continua com sua força onipresente: o mítico. Ele se faz presente e irrompe principalmente nas obras poéticas. O vigor das obras artísticas se manifestando é o mítico irrompendo em nossas vidas.

Mas nossos ouvidos, em relação às obras de arte, estão tão cheios de termos técnicos, de análises críticas e científicas e de classificações de gêneros e estilos, que é com muito esforço que nos pomos à escuta da fala do poético, da voz do silêncio do mítico. Em meio à sociedade comunicativa, ao império da fala, das múltiplas falas, em que muito se fala e aparentemente se escuta, faz-se necessário, para a Escuta da palavra cantada, acolher, numa disponibilidade livre e aberta, a sua fala. O homem só é homem pela escuta, mas não por qualquer escuta. Para isso já nos advertia, há dois mil e seiscientos anos, o pensador Heráclito, no fragmento 50:

Auscultando não a mim, mas o Lógos,
é sábio concordar que tudo é um

Não é ao poeta, ao compositor, ao cantor, enfim, ao homem que devemos escutar, mas ao Lógos. Este é a irrupção, em nossa vida ordinária, do extraordinário, da Linguagem poética, do mito, enfim, do sagrado. Só então somos tomados pelo saber e sabor da sabedoria. A ausculta do Lógos nos remete para o mistério do real, onde a diversidade de tempos e lugares, de homens e coisas, de mortais e imortais, é um, porque o Lógos é a unidade de reunião da tensão de contrários do real, em sua ambigüidade abismal e misteriosa. Portanto, saber o que somos é acolher e auscultar o Lógos como unidade das diferenças. Essa é a essência da Escuta: um sábio saber que tudo é um. Para ele nos remete a palavra cantada verdadeiramente poética. Por isso, o mesmo pensador insiste no fragmento 19:

Não sabendo auscultar, não sabem falar.

Numa sociedade comunicativa como a nossa, somos educados para o falar, mas não para a Escuta e muito menos para a ausculta. Somos tagarelas, falamos sem parar e colhemos o desconforto da sensação de isolamento, de não sermos compreendidos pelo outro. Mas estamos verdadeiramente abertos para o outro, para o diálogo, para a diferença? Estamos dispostos e abertos para a diferença da diferença? Nossas falas tendem a provocar desencontros e desentendimentos, porque não sabemos escutar. Nossa fala não é fruto da voz do silêncio. Em tempos de onipresença da fala e de meios comunicativos, nunca houve tanta distância e solidão. Para falar é preciso auscultar. Para sermos realizados pela fala temos que auscultar a voz do silêncio da palavra cantada. Só assim faremos da nossa vida uma travessia de verdadeira realização, senão seremos como objetos entre os objetos, dóceis sujeitos de uma sociedade determinada pelo sistema comunicativo de emissores e receptores, e de aparente afirmação da subjetividade de cada um. O apelo para nossa travessia nos advém da Escuta da palavra cantada. Que Escuta é esta? Ela só ocorre na própria palavra cantada, pois é lá que se encontra o apelo misterioso para uma tal Escuta. Esta só se dá escutando. Então, a palavra vai cedendo e se anulando até deixar o suave vigor da voz do silêncio nos envolver, ultrapassando barreiras e limites psicológicos, sociais, sentimentais e racionais. É preciso que nos desnudem diante da atuação e presença-doação do vigor da palavra cantada, quando então seremos a nossa realidade eclodindo, simplesmente sendo. Esta teorização e qualquer interpretação de maneira alguma podem substituir a fala da palavra cantada. Consistem somente num esforço de sensibilização preparatória para a acolhida de Escuta do seu vigor.

Mito, Travessia e Rito

Neste esforço, optamos por uma obra poética de dois mil e setecentos anos cronológicos, mas poeticamente sempre atual: a Odisséia. Obra no limiar da oralidade e da escrita, numa passagem misteriosa e aberta, pensa e tematiza a questão permanente da Escuta poética da palavra cantada. E o faz através de um mito, que atravessa os séculos pela força do mítico, onde o tempo poético e mítico se confundem. Nele e por ele somos convocados para a

ausculta do vigor poético da palavra cantada e da sua presença no projeto de travessia que todos nós somos. É o famoso mito do Canto das Sereias. Ele ocupa uma pequena passagem da Odisséia e, no entanto, se faz presente como uma esfinge com seus enigmas e questões, suscitando ao longo dos séculos, as mais diferentes interpretações: alegóricas, simbólicas, físicas, gramaticais, morais, teológicas, filosóficas. Faltou a poética, talvez porque ainda não se tenha percebido que o mito não é símbolo de nada e nem tem subentendidos, que seu sentido está no que diz, ou seja, no ser mito, no ser o mito da Escuta da palavra cantada, que o mito consiste na sua Escuta e não em qualquer outra explicação. E isso coloca uma questão. Questão não é problema. Este se resolve. A questão não, apenas cada interpretação recoloca sempre a questão em sua origem, lá onde a fonte inesgotável do real, do mistério do real se dá tanto mais quanto mais se retrai. E a partir da qual nós mesmos estamos sempre em questão em nossas interpretações.

No mito das Sereias, o real se oferta e manifesta como palavra cantada, como Escuta, como voz do silêncio e como travessia poética. Na travessia poética se dá o saber do não-saber de toda sabedoria. Por isso o herói é Ulisses, no qual a astúcia se faz sabedoria, uma sabedoria viva, concreta, ética e poética. Na travessia da vida, viver é muito perigoso, como nos lembra insistentemente Ulisses nas suas aventuras e desventuras. É o mesmo itinerário de Riobaldo, em Grande sertão: veredas, onde colhemos a mais densa interpretação do mito poético enquanto travessia. Assim Rosa conclui seu romance: “Existe é homem humano. Travessia” (Rosa, 1968: 460). Na e pela travessia nos transvertemos (do verbo latino trans-vertere), ou seja, nos apropriamos do que nos é próprio, como sentido e verdade do que somos, numa forma em formação permanente de libertação.

O poético, com a escrita, acabou se tornando o mítico sem a concretude dos ritos dos mitos, mas convidando sempre ao rito de existir. O rito, em sua etimologia, está ligado ao sagrado e expressa nas religiões o advento da ordem do que, em princípio, é caótico, encantador e misterioso. Os ritos expressam a cultura enquanto culto. No poético, as línguas são o rito da Linguagem. O mito narrado não é o mito, mas o rito e a língua da Linguagem. Por isso o poético, toda arte, tem origem mítica. E tanto o mito como a arte radicam no sagrado. Heidegger afirma: “O pensador diz o ser, o poeta nomeia o sagrado” (1968: 83)

A Odisséia e o Canto das Sereias

Homero narra o mito no canto XII da Odisséia e é retomado três vezes. Ulisses, em sua longa travessia de volta à sua origem, se encontra na ilha de Circe, que lhe anuncia as dificuldades que vai encontrar e como deve proceder. Circe é “ ‘deusa das deusas’, ‘a filha do sol’, cujo nome remete a kirkos, e que os escólios identificam com o anel ou círculo da natureza poderosa que reúne vida e morte, nascimento e destruição num eterno movimento ou com o movimento circular do universo” (Schuback, 1999: 166). No verso 150 do mesmo canto, assim Ulisses caracteriza Circe:

Circe, de tranças bem feitas, canora e terrível deidade.

Odisséia, XII, 150. Trad. Nunes, 1960: 182.

Esta passagem é importante porque tanto Circe como as Sereias exercitam a palavra cantada, que aponta para algo encantatório e mortal. Quando Ulisses chegou à ilha, mandou metade de seus companheiros fazerem o seu reconhecimento. Em meio a um vale, percebem um palácio brilhante. Todos entram, exceto Euríloco, que fica escondido. Circe recebe bem os gregos e os convida para um banquete. Saciados, os toca com uma varinha mágica e os transforma em animais: porcos, leões, cães, cada um, diz-se, conforme as tendências profundas de seu caráter e natureza. Este poder de Circe nos remete para seu nome, o círculo poderoso da natureza enquanto vida/morte. O homem retornando ao estado natural encobre a sua dimensão cultural, o que distingue os homens dos outros entes, ou seja, a Linguagem (Lógos). Esta manifesta possibilidades da natureza (physis), sem eliminar as suas características. Isso faz do homem um ente ambíguo. Ulisses para vencê-la terá que ser portador da Linguagem, isto é, de Hermes.

Vendo o que aconteceu, Euríloco retorna e conta a Ulisses. Ele resolve ir ao encontro de Circe e tentar salvar seus companheiros. Em meio às veredas do bosque, se questionando como os poderia libertar, eis que lhe aparece o deus Hermes. Este lhe “ensina” o segredo para escapar aos encantamentos de Circe. Dimensionado pelos ensinamentos de Hermes, vence os seus sortilégios, recupera seus companheiros e passa um mês (ou um ano segundo outras versões) de delícias. Por que Ulisses vence Circe? Ele se abre para a fala e escuta de Hermes, o mensageiro

dos deuses, a palavra originária e poética. O radical de Hermes, wre ou wer, é indo-europeu e significa palavra. Ulisses só vence porque é portador do saber de Hermes, a própria Linguagem, o mito dos mitos e ritos, o sagrado primordial e originário. Seu poder e saber é mais profundo que o de Circe (physis), pois articula *physis* e *lógos*. E assim ela lhe devolve os companheiros e passa a ser sua protetora (pois Ulisses também é physis), aconselhando-o e predizendo o que irá lhe acontecer (destino). É quando lhe narra o mito das Sereias e o adverte de seu perigo:

Escuta o que eu vou dizer e que um deus mesmo te relembre. É preciso passar primeiro pelas sereias, as que encantam todos os homens que delas se aproximam. Aquele que se aproximar cheio de audácia e escutar a voz das sereias, com ele nem a esposa e nem os filhos chegam a festejar na casa o retorno. Mas (enquanto) com canto doce as sereias encantam, no prado úmido (dos prazeres) putrefaz-se um amontoado de ossos de varões, e em seu redor as carnes apodrecem. Siga sempre adiante. Encha ou engordure os ouvidos dos teus companheiros com a cera amolecida do mel e que nenhum deles escute. Tu somente podes escutar se quiseres, atando pés e mãos, em pé (orthon) no mastro, mantém-te nos limites que por ele (pelo mastro) se estabelecem a escutar, o tempo que for, o canto (das sereias) e se ordenares que eles te soltem, que eles te amarrem ainda com mais força.

Odisséia, XII, 37-55. Trad. Schuback, 1999: 166.

Todo o mito gira em torno da fala e da escuta. Ao dirigir-se a Ulisses, a primeira palavra é o verbo escutar no imperativo: “Escuta...”. E é uma escuta tão importante, tão decisiva que acrescenta: “... e que um deus mesmo te relembre.” Em seguida declara a Ulisses: “É preciso passar primeiro pelas Sereias, as que encantam todos os homens que delas se aproximam”. Em nossa travessia temos um encontro marcado com as Sereias, a palavra cantada. Não é um encontro qualquer, ele pode ser mortal. Ele vai exigir de nós o empenho do que somos para colhermos o penhor do que nos está destinado. É um risco. Quem de nós tem a coragem de assumir esse risco? Por isso Circe, ao dirigir-se a Ulisses, acrescenta: “... se quiseres.” Há uma atração no homem pela Escuta, mas ele, mergulhado no cotidiano, na escuta dispersiva e repetitiva do dia-a-dia, pode não-querer, pode desdenhar da Escuta. Quando Circe diz “... se quiseres”, só aparentemente faz da vontade de Ulisses o centro da decisão, como leria o homem

moderno. Isto, de fato, não acontece. É o que nos mostra a fala de Ulisses aos companheiros, que comentaremos depois. O querer radica no saber, mas não como mera curiosidade de satisfação do seu desejo. O querer para Ulisses, para o homem, como tra-vessia, é algo mais radical: abrir-se para, e *saber o destino*. Que esse querer não traduz um desejo pessoal, um ímpeto voluntarioso num aparente ato livre, fica bem claro na advertência de Circe: “Aquele que se aproximar cheio de audácia e escutar a voz das sereias, com ele nem a esposa e nem os filhos chegam a festejar na casa o retorno” (Schuback, 1999: 166). A “audácia” conduzirá inevitavelmente à morte. A morte nos advém em duas instâncias: Pelo querer audacioso do homem e pela escuta da voz das sereias. A decisão de Ulisses pelo querer se dará na instância do seu *destino*, como ele bem acentuará no relato do mito aos seus companheiros. A decisão pela Escuta tem condições: há todo um ritual. É no advento do ritual, nas ações que o homem faz a partir do ritual do mito que se pode dar a epifania da Escuta, caso contrário, Circe é bem clara, encontrará a morte. – ritual do mito – a palavra cantada - não encena, não representa, como o faz o saber da ciência. O ritual do mito se torna a manifestação do sentido da Escuta da palavra cantada. Não há o rito e a Escuta, mas o rito – a palavra cantada – é a própria Escuta enquanto manifestação do vigor do mito. Desta maneira, a realidade da Escuta é a realidade do mito enquanto rito. O mito – a palavra cantada – é o advento da realidade enquanto sentido e palavra, enquanto Linguagem. Na narrativa de Circe, o mito é anunciado. Ainda não há o rito, ainda não há a palavra cantada das Sereias.

Chegado o momento, Ulisses anunciou o mito para que os companheiros o escutem e ele possa realizar o mito enquanto rito. Escutam o mito narrado, mas não cantado. Diz ele:

O coração apertado, dirijo-me aos sócios de viagem: “Caros amigos, não basta que um só, ou que dois, fiquem cientes do que respeita ao destino que Circe preclara me disse. Não; quero tudo contar-vos, porque procuremos a morte conscientemente, ou possamos fugir do Destino funesto. Manda, em primeiro lugar, que as divinas Sereias, dotadas de voz maviosa, evitemos e o prado florido em que se acham. Somente a mim concedeu que as ouvisse; mas peço a vós todos que me amarreis com bem fortes calabares, porque permaneça junto ao mastro, de pé, com possantes amarras seguro. Se, por acaso, pedir ou ordenar que as marras me soltem, mais

fortes cordas, em torno do corpo, deveis apertar-me.”
Odisséia, XII, 153-164. Trad. Nunes, 1960:183.

Há uma grande semelhança entre a narrativa de Circe e a que agora Ulisses faz a seus companheiros, mas esta é mais densa, porque não se trata simplesmente de comunicar o que a deusa canora, Filha do Sol, lhe disse. Vai estar em jogo o seu destino e o dos companheiros. O não termos o texto grego dificulta a percepção do jogo poético, mesmo assim o tentamos a partir da tradução.

Antes de começar a narração do mito aos companheiros, Ulisses nos acentua o seu estado de espírito: “O coração apertado...” (verso 153). Não é um relato frio, racional, enunciando algumas informações. Pelo contrário, ele é feito a partir do coração, onde todo o ser se concentra, e o faz não com alegria, como seria de supor, na expectativa da audição do canto melodioso, encantador e divino das Sereias. Seu coração está “apertado”, ou seja, a angústia e a apreensão o perpassa. E por quê? Lendo com atenção o que ele diz a seguir (vv. 154-157), percebemos imediatamente o pano de fundo no qual está inscrito o mito do Canto das Sereias: o destino. Trata-se da questão maior e permanente para o Homem e que tece e entretece os fios sutis não só da narrativa homérica, mas também das ações e percalços de Ulisses, na sua tra-vessia, na busca do seu sentido e da sua verdade, essa busca que é de todos nós em todos os tempos: fazer de nossas ações e escolhas a realização e acolhida do que somos, o nosso destino, o destino de Ulisses e seus companheiros. A compreensão do que é o mito do Canto das Sereias passa necessariamente pelo que era e é o destino no pensamento mítico-poético. Interpretar o mito sem este horizonte é não apreendê-lo em todo o seu vigor, enquanto mito e enquanto *poiesis*, como aconteceu com tantas interpretações. Ulisses ao enunciá-lo aos companheiros, repete em quatro versos, duas vezes a palavra destino, insistindo ao mesmo tempo na correlação saber/morte:

Caros amigos, não basta que um só, ou que dois fiquem conscientes do que respeita ao destino que Circe preclara me disse. Não; quero tudo contar-vos, porque procuremos a morte conscientemente, ou possamos fugir do Destino funesto.

Odisséia, XII, 154-157. Trad. Nunes, 1960: 183.

O mito do Canto das Sereias é o dispor o homem diante de seu destino ambíguo, originando em Ulisses, e em todo homem, uma atitude igualmente ambígua: a Escuta. Por que escutar o Canto das Sereias é escutar e realizar o nosso Destino? Qual é a questão do destino?

O Destino e o Homem

A questão do destino não é uma questão moderna. Muito pelo contrário. A modernidade avança tanto mais quanto nega a presença do mito, dos deuses e do destino, como se esta questão ficasse restrita a mitos e deuses. Interpretado como *Providência* pelo Cristianismo, nem hoje é mais aceita pela ciência. Tudo agora se processa numa afirmação do homem e de sua razão, do saber racional e científico, que vem para libertar finalmente o homem. Os mitos expulsos são substituídos pelo mito do homem, agora florescendo e cobrindo toda a face da Terra com suas fábricas e o Céu com seus aviões e satélites. O destino do homem, libertado das superstições míticas, está agora no poder crítico da razão pura humana, que tudo explica através do acaso ou de causas econômicas e sociais. Não há destino, a não ser o determinado pelas estruturas sociais, pela divisão do trabalho, pela ignorância, pela exploração do homem pelo homem, pelo poder religioso e aristocrático, ou mais recentemente, pelo poder do capital e dos grupos hegemônicos. O mito (e depois as religiões), gerando toda uma realidade que se impõe ao homem, sem lhe permitir consciência crítica disso, a libertação desse poder e saber, gera o destino. Há necessidade de originar um novo poder através da consciência do novo saber: o saber da ciência como base de uma sociedade sem classes e de um novo poder político. A tentativa de superação de um destino do homem ligado aos deuses por um destino estabelecido pelo próprio homem originou a perda de sentido da realidade e do homem. É que num tal saber não há lugar para a arte, para a poiesis, a não ser como função crítica e de tomada de consciência, ou seja, a serviço de um sistema no qual e a partir do qual o homem encontra toda a sua realização e sentido. Ou então, num sistema de saber paralelo a outros sistemas, em que a ciência dividiu o real, se não com a função política, porém, com a função estética. Num jogo de oposições e dicotomias excludentes, a modernidade e seu ideal crítico

e consciente de saber, acabou excluindo os mitos dos deuses e em seu lugar colocou o mito do homem. Não notou que não só excluiu os deuses como também não levou em consideração o mito, a poiesis, com seu poder manifestativo e libertador. Não se trata de opor deuses e homens, mas de salvaguardar essas duas dimensões complementares do real, como é próprio do mito. Ao saber do sistema excludente da modernidade precisamos acrescentar complementarmente o saber includente dos mitos, da poiesis. Não se pretende repovoar a Terra com os templos e os deuses. Não podemos reinstalar, hoje, o mito de Ulisses, mas somos solidários a ter sempre presente o Ulisses mítico, poético. É o que nos diz Ulisses e o mito do Canto das Sereias. Este nos desafia com seu sentido enigmático. É desnecessário dizer que não há mais lugar hoje, para os mitos dos deuses, mas é verdade também reafirmar o sentido dos deuses míticos, abandonando a sua compreensão científica e historiográfica.

“Na grande época do mito do mundo, o que determina a essência do homem é estar ante os deuses. Deuses se dizem os fundamentos de todas as possibilidades que para o homem se abrem e do fenômeno do mundo. “Estar ante os Deuses” significa, pois, ser no mundo” (Torrano, 1996: 17). Os deuses míticos, em sua origem, nada têm a ver com fetichismo, idolatria ou magia. Aparentam para “... uma denominação condizente e adequada à vigência do extraordinário e ao vigor do mistério da realidade. É o que exprimiam com palavras *theoi*, *theontes kai daímones*, isto é, em palavras que significam aparições, processos de eclodir, surgir e dar-se” (Leão, 1992: 134). Esta experiência do real na sua dimensão extra-ordinária é que se perdeu com o advento e desdobramento da modernidade, mas não para os poetas. Não podemos confundir os mitos das religiões com a poesia dos mitos. “Píndaro chama lugares, regiões, montanhas ou margens do rio de *dza-theos*, quando quer remeter a uma experiência do extraordinário. É aí que o mistério da realidade aparece, como tal, e se deixa ver como a realidade nas realizações. É o que os gregos entendiam e chamavam *theoi*” (Leão, 1992: 133). É nesse horizonte de abertura para o sentido dos deuses que precisamos ler o mito do Canto das Sereias, o lugar do Ulisses mítico e o canto poético de Homero. Claro que só o podemos ler a partir de nossa experiência moderna, sem a pretensão absurda de querer “reviver” o tempo dos mitos ou voltarmos a esse tempo historiográfico. Mas também

sem a pretensão, ainda mais absurda, de querer “explicar” os mitos a partir das concepções teóricas científicas e modernas da política, da economia, da sociologia, da psicanálise e da antropologia. Há aí uma inadequação metodológica e de objeto de conhecimento. Os deuses míticos, entendidos na palavra poética, instituem o seu próprio tempo, o tempo poético, onde se dá a abertura para a presentificação/doação do extra-ordinário. Lê-los e interpretá-los é, pois, traduzir em nossa língua a linguagem da questão que eles dizem. E a grande questão do mito do Canto das Sereias é a questão do destino do homem em sua travessia, é a grande questão para Ulisses, que vive no limiar do sentido do agir dos deuses e no sentido do agir do homem. A modernidade, de antemão, negando o destino, combatendo o destino, já se coloca de fora da questão poética e ética de Ulisses diante do Canto das Sereias. A negação do destino implica a negação do sentido do Ser. Por isso a modernidade é antropológica e científica.

Para nós, seres pós-modernos, o destino se apresenta como algo que foge ao nosso alcance e vivência, não porque seja algo extraordinário, mas porque somos filhos do sistema de controle e da sociedade em rede. É dessas instâncias que depende o nosso destino, sem a dimensão de uma fatalidade e de desafio de uma ordem que nos transcende. É um destino mais tranqüilo, porque amorfo, de simples passividade perante o que o sistema quer de nós e nos prescreve. Nosso destino é viver em função do sistema, na medida em que nossos projetos de vida são funcionais. Sem percebermos, otimizando nossa desempenho profissional e funcional, otimizamos o sistema. Nosso horizonte são as possibilidades que o próprio sistema oferece. Nosso sentido já está inscrito e prescrito pelo sistema. Achamos que nos libertarmos é afirmar nossa realização funcionalmente, pela qual afirmamos e realizamos nossos desejos, nossa vontade e nos livramos das necessidades da vida, pelo acesso à sociedade de consumo. Se excluídos ou marginalizados, lutamos para a inclusão e para a ampliação das margens do sistema. Como não questionamos o sistema, não questionamos o nosso destino, mesmo que não compreendamos o sentido de nossas ações. O horizonte do sistema é o horizonte do sentido e de verdade de nossas vidas.

Fora do sistema, a questão do destino é a questão mais radical para o ser humano, porque implica o sentido e verdade de suas ações e seu lugar na Totalidade Cósmica. Esse lugar não é

dados pela explicação científica do universo ou pela evolução e pelo código genético. Falta aí o poético e o ético: o sentido e a verdade que só o sagrado pode fundar. O destino ao longo dos séculos, recebeu um tratamento filosófico, teológico e científico. Tal itinerário se traduz num esvaziamento progressivo de sua densidade, sentido e verdade. Resgatar o seu vigor poético é tentar ler a sua presença nos mitos como algo mítico. Mas não é algo fácil, porque não apreensível numa causalidade lógica.

Origem do Destino: *Móirai*

O substantivo destino deriva do verbo destinar e se forma do radical latino *sto*, com o sentido de apoio, suporte. Dentro desse âmbito, apresenta dois significados básicos: sucessão de fatos que constituem a vida do homem, como resultante de causas independentes de sua vontade. Tem como sinônimos, sorte, fado, fortuna. E indica também algo futuro, que poderá acontecer a alguém. Transparece nessas noções a idéia de fatalidade, em que o passado determina o futuro, anulando a vontade do homem, porque se dicotomiza vontade e ser. O destino como questão mítica e poética para o homem não se coloca nesses termos. É uma leitura já feita a partir do Mito do Homem, de que a modernidade é o seu mais pleno desabrochar. Fora da tradição metafísica, a questão do destino se coloca dentro da questão fundamental da Totalidade Cósmica, do Ser.

A experiência do Ser do ponto de vista mítico-poética é diferente da experiência filosófico-metafísica. O Destino em seu sentido cósmico, mítico e poético está basicamente ligado a duas uniões de Zeus, o novo soberano do Cosmos, porém ultrapassa o próprio Zeus, na medida em que tem uma origem dupla, e remete também para algo que precede o próprio Zeus. Na cultura grega, o destino é representado pelas *Móirai*, traduzidas para o latim como *Parcas*. Zeus, na sua união com Themis (Lei Ancestral, Ordem), gera a Ordenação interior de seu reinado, a Ordem em todos os seus aspectos, pois dessa união nascem suas filhas *Hórai* e *Móirai*, que dosam e regem a distribuição de bem e de mal. Isto é possível porque de uma outra união, com Mêtis (sapiência, saber e sabedoria), ele incorpora toda a sabedoria, que lhe assegura um poder sobre o imprevisível, pois com Mêtis ele conhece o bem e o mal, cambiante e instável como a natureza do mar. Ela é filha do Ocea-

no e de Thetis. Ulisses realiza sua travessia como destino no mar. O Canto das Sereias são a sabedoria, o próprio saber.

Do ponto de vista do homem, não se podem entender as *Môirai* sem as *Hôrai* (“Estações”). Estas são três: Equidade, Justiça e Paz (Teogonia, doravante, T. v. 902). Os nomes das três estações põem em evidência quanto o pensamento arcaico apreende *como uma Ordem* única e unitária o que nós, modernos, cindimos em distinções como ordem político-social, natural e temporal. Uma crença profunda de Hesíodo era de que as injustiças sociais acarretavam não só perturbações e danos às forças produtivas da Natureza, mas também subvertiam a própria ordem temporal. As *Hôrai*, portanto, nascidas de Zeus e Themis, têm por função instaurar a boa distribuição dos bens sociais, as boas *relações* entre os homens e a ordem que ritma as forças produtivas da Natureza. O pensamento mítico sabia o que era ecologia em seu sentido mais profundo. As *Hôrai* regem a Natureza, o Tempo e as ações humanas integrando-os num todo uno e indiviso, que será harmonioso ou *terrível* segundo nele os homens concorram com ou sem o senso de justiça. Assim sendo, não podemos pensar o destino humano, ou seja, o lugar do homem, em meio ao Ser da Totalidade Cósmica, sem levar em consideração as *Hôrai*. Agindo na dimensão das *Hôrai* é que o homem se dimensiona no horizonte das *Môirai*, ou seja, do destino.

Como as *Hôrai*, e não podia ser de outra maneira, as *Môirai* também são filhas de Zeus e Themis. Elas representam a Fatalidade *sob o aspecto* positivo de configuração e ordenação dos destinos dos mortais, segundo um peso e medida divinos. As *Môirai* “a quem mais deu honra o sábio Zeus” (Teogonia, T. v. 900), fixaram aos homens mortais os seus lotes de bem e *de mal*. Sob o aspecto negativo, essas *Môirai* são filhas da Noite (T. vv. 217-9) e representam a sofrida experiência do restrito e inexorável lote de bem e *de mal* a que cada homem tem que se submeter como seu único destino. O que chamamos destino, do ponto de vista mítico, é pensado em múltiplas dimensões, que aparecem no sentido de cada figura mítica: Noite, Zeus, Themis, Métis, Horai, Moirai. Mas estas têm uma dupla origem, tornando mais complexo ainda o seu entendimento.

O que é o Ser para a experiência grega, mítica, arcaica? O Ser se “...manifesta como numinoso e na qual [experiência grega arcaica] o universo não é senão um conjunto não-enumerável de teofanias” (Torrano, 1992: 74) Tudo sendo teofania numinosa é

importante entender que tanto "... "faculdades mentais" de Zeus como os atributos constitutivos da natureza mesma de Zeus ... são Divindades com esfera de existência e de atribuições própria" (Torrano, 1992: 76). A experiência filosófica de Ser, sobretudo a partir de Platão e Aristóteles, e mais tarde com o platonismo e aristotelismo, empobrece a riqueza do pensamento mítico. "Na verdade, o pensamento mítico, servindo-se de figuras não-conceituais, de imagens concretas e ideações plásticas, servindo-se de relatos e de fábulas (i.é, disto em que se constituem propriamente os *mythoi* e os *hieroi lógoi*, os "mitos" e os "relatos sagrados"), coloca em seus próprios termos ... o problema da relação entre a *Alteridade e a Ipseidade*. Zeus é ele-Mesmo e o Outro; o Outro é tanto o Outro quanto é o Mesmo ... A Alteridade coincide com a Ipseidade tanto quanto dela difere: o Outro é o Mesmo (coincide com o Mesmo) tanto quanto é - na referência ao Mesmo - o Outro (difere de si Mesmo)" (Torrano, 1992: 77). Um exemplo importante, entre outros, é *Métis* (a sabedoria). "Métis é uma faculdade do espírito de Zeus e Zeus tem incorporada a seu espírito essa faculdade nomeada *Métis* tanto quanto *Métis* é *Métis* com uma existência e uma história outras que não são nem a existência nem a história *de Zeus*" (Torrano, 1992: 77). A coincidência dos contrários (*coincidentia oppositorum*) de Alteridade (diferença) e Ipseidade (identidade), inerente ao e fundamental para o pensamento mítico foi abandonada pelo pensamento filosófico-metafísico, dando origem à apreensão do tempo como algo cronológico, historiográfico, mensurável, idêntico e representável, porque baseado num entendimento da Totalidade Cosmogônica através das categorias racionais de causa e efeito. Para o pensamento mítico a alteridade e identidade "... possibilita a relação de concomitância onto-cronológica (i. é, tanto temporal como ontogenética) que substitui a relação de causa e efeito" (Torrano, 1992: 77). Dessa maneira, a manifestação do Ser no pensamento arcaico se reveste de um aspecto oposto e complementar.

Contudo, a concepção mítica fundada na identidade (ipseidade) e diferença (alteridade) só se compreende enquanto génos. A possibilidade de alguém ser ele-mesmo e ao mesmo tempo outro-que-não-ele não ocorre no plano de uma natureza *pes-soal*, mas na natureza do génos, enquanto "... expressão em que momentaneamente se manifesta o ser do Fundamento-Genitor, isto é, a natureza *Fundamental* do génos" (Torrano, 1992: 78). A

tradução desta palavra por raça, estirpe ou família, embora correta, não apreende o seu significado essencial. Génois deriva de gignomai (nascer, devir). O génois comum a um grupo de indivíduos marca a comunhão de uma natureza por *nascimento*. Essa natureza é que os constitui *mais* do que outro fator qualquer. O indivíduo vale e se define pelo seu génois, de tal maneira que "... todas as ações, decisões, falhas e êxitos do indivíduo têm fonte não na individualidade *dele*, mas nessa natureza supra-individual que caracteriza o génois" (Torrano, 1992: 78). Entendido o agir de cada um nesse horizonte, pode-se compreender o que significa propriamente o destino no pensamento mítico. Cada génois dá origem a uma linhagem. Por exemplo, a linhagem de Zeus. Esta, por sua vez, se estrutura em grupos familiares *menores*, mas estes compartilham a natureza comum da linhagem, enquanto origem. Por sua vez, cada grupo menor também tem a sua natureza própria e peculiar, embora inscrita na natureza da linhagem, circunscrivendo esta e determinando supra-individualmente "... as ações e caracteres dos indivíduos circunscritos por esse grupo" (Torrano, 1992: 79). Nessa perspectiva, "... a descendência é sempre uma explicitação da natureza dos indivíduos" (Torrano, 1992: 79).

Cada teofania ou Deus é um centro de honras, poderes e forças que infunde no homem o respeito e um sentido absoluto, ou seja, o homem tem em cada Deus uma referência de sentido pleno e absoluto. Por isso, ele pode dar à vida humana uma plenitude de sentido, benéfica ou terrível, trazendo a experiência do sublime e do horror. No entanto, esta autonomia de cada Deus e de todos encontra-se sob a jurisdição da Moira que os constitui. A palavra grega Moira significa parte, lote, o quinhão partilhado. A Moira, enquanto quinhão *partilhado*, perpassa toda a realidade e só *pode* ser apreendida ambigualmente como o próprio vigor de realização da identidade (ipseidade) e diferença (alteridade). Na instância mais imediata, que acabou prevalecendo como o único sentido de destino, ela implica o "... limite ôntico pelo qual a essência mesma de cada Deus se delimita e se configura como tal" (Torrano, 1992: 79). A Mòira, ambigualmente, constitui cada Deus (génois/centro) e o ultrapassa, na medida em que ela se identifica com a *vontade de Zeus*, que procedeu à grande partilha, à doação de cada Moira (parte, quinhão partilhado). Tal vontade determinou, determina e determinará o que cada um é (génois/centro) a *partir* do doado na grande partilha. Com base nesta, não há como

falar do compartimento do tempo em *passado*, presente e futuro, pois estes realizam o que é inerente e atribuído a cada um (centro/génos) pelo ato da partilha, daí Moira ou quinhão. Mas este quinhão não é pura arbitrariedade de uma vontade, no caso, *de* Zeus. Este quinhão de cada um (*centro/génos*) ou Moira nasce da dupla união de Zeus, daí a ambigüidade, complexidade e complementaridade da Moira, do quinhão *partilhado*, pelo qual é atribuído e constituído o limite ôntico. A dupla união de Zeus dá origem a *duas* famílias diferentes (génos), pelas quais as Môirai se mostram ambíguas e até aparentemente contraditórias. Pela dupla origem têm naturezas *diversas* e por isso em *nada* se tocam nem em nenhum momento se miscigenam.

As Môirai são filhas da Noite cissiparidas (do latim *scissus*, fendido, e *parere*, parir, ou seja, nascidas por auto-divisão) e filhas da união de Zeus e Themis. A dualidade *constitutiva*, enquanto *destino*, centrada nas Môirai, estabelece o limite positivo e configurativo de cada ser divino e humano, e, ao mesmo tempo, o limite negativo, *coercitivo* e cancelante: “... elas afirmam tudo o que um ser é e pode ser, e negam tudo o que ele não é e não pode ser ... a dupla filiação das Môirai *indica*, nos termos próprios do pensamento *mítico*, que toda afirmação implica a negação...” (Torrano, 1992: 80). *Do ponto* de vista humano e divino, o sentido de seu agir se inscreve nessa duplicidade e ambigüidade. Na medida em que cada um, pelas suas ações, é, é na medida da Moira, ou seja, enquanto o que lhe está destinado como lote de opulência e de valor *partilhado*, tornando-se, por isso *mesmo*, em cada ser divino ou humano, a sua expressão mais autêntica e própria. É nesse sentido que a liberdade humana, enquanto afirmativa ou negativa, ainda fica no plano do desejo, do querer, i. é, dentro do nosso limite e finitude individual, não alcançando o plano ontológico. Este se dá quando o agir liberta enquanto Escuta do que se é, e o que se é é a Moira, o quinhão *partilhado*. Como este tem uma origem dupla, ambígua, é e não é. O agir libertador também é ambíguo. *Só agindo*, sendo, é que chegamos a ser o que já somos e não-somos (ambigüidade da Moira). Ser enquanto destino é se constituir no horizonte fundante e duplo em que se constitui toda Moira, é se *apropriar* cada um do que lhe é próprio. O que nos é próprio é o ser. “Na Moira (i.é, nesse lote, nesse *horizonte* individual particular que se de-limita à parte da Totalidade Cósmica, *afirmação e negação*, liberdade e necessidade, espontanei-

dade e coerção, ipseidade e alteridade coincidem e são ao mesmo tempo no mesmo lugar sob o mesmo aspecto uma e mesma (*mia kai he auté*, segundo o vocabulário que no século seguinte a Hesíodo, Heráclito elabora para expressar *no novo discurso inaugurado* pela pólis e pelo uso do alfabeto uma das intuições fundamentais da sensibilidade religiosa grega) (Torrano, 1992: 80).

Esta ligação do pensamento heraclítico com o mítico é muito importante, porque a filosofia inaugurada com os sofistas e com o platonismo se esmera em combater os mitos e o pensamento mítico. E nisso esquecem a questão fundamental para o sentido do homem, a questão do destino. Neste esquecimento se inscreve a afirmação de Protágoras: O homem é a medida de todas as coisas. Ou do mesmo modo, a assertiva de Platão: Deus é a medida de todas as coisas. Mas não é mais o Deus mítico e ambíguo. Trata-se do fundamento único e excludente das diferenças, como demonstrará a sua interpretação ao longo do percurso cultural ocidental. No afã de tudo classificarem e racionalizarem, exercitando a exclusão das diferenças, optaram pela conceituação lógica em vez da compreensão do círculo hermenêutico, renunciado por Parmênides: "Aletheies eukykléos atremés etor: coração intrépido da verdade da circularidade perfeita" (Parmênides, fragmento 1, 1959: 230). *Munidos de conceitos* filosóficos e científicos, tenta-se inutilmente a classificação dos vários sentidos com os quais a palavra Moira vigorou no pensamento mítico grego. É uma tentativa vã de compreender o vigor em que a Moira pode vigorar em meio à manifestação mítica e poética grega do Sagrado.

Heidegger, percebendo claramente o impasse *da metafísica* pelo qual se esqueceu o sentido e verdade do Ser, reinstala a questão do destino, em seu pensar, como procura do sentido e verdade do homem, não mais através da razão, ou seja, do mito do Homem, mas através do Ser, apreendido e compreendido na ambigüidade da identidade e diferença: "... os pensadores Essenciais dizem sempre o mesmo (das Selbe); isso, no entanto, não significa que digam sempre coisas iguais (das Gleiche). Sem dúvida, eles só o dizem a quem se empenha em repensá-los. Enquanto o pensamento, re-memorando Historicamente, preza o destino do Ser, ele já se prendeu ao destinado (das Schlickliche), que se acorda com o destino" (Heidegger, 1967: 98). É desse destino que nos falam os mitos enquanto poiesis. Ora, a palavra *mythos* se forma do verbo grego *mytheomai*, que significa: abrir, mani-

festar pela palavra. Por isso, *toda poiesis é radicalmente mítica*. A questão *fundamental* do mito e da poiesis, da Totalidade Cósmica e, nela, do homem, é o *destino* enquanto Ser e Não-ser. E não poderia ser outra a *questão do pensamento*: “O pensamento está preso ao ad-vento do Ser. O Ser já se destinou sempre ao pensamento. O Ser é como o destino do pensamento. O destino, porém, é em si mesmo Histórico. Sua História já chegou, no dizer dos pensadores, à linguagem” (Heidegger, 1967: 98). Mas não qualquer linguagem, não a comunicativa, funcional e abstrata, do sistema de controle em que se transformou o mundo técnico, o mundo da sociedade em rede. Das camadas de cinza conceituais e metafísicas, é necessário limpar a linguagem até chegar a seu núcleo vivo e abrasivo: a linguagem mítico-poética e do pensamento: “A linguagem é a casa do Ser. Em sua habitação mora o homem. Os pensadores e os poetas lhe servem de vigias. Sua vigília é con-sumar a manifestação do Ser ...” (Heidegger, 1976: 24).

Essência do Agir e Travessia de Ulisses

Ulisses está diante dos seus companheiros e tem que lhes dizer, em sua travessia, o destino que Circe lhe anunciou. Esse destino é ambíguo e está correlacionado ao agir de Ulisses e seus companheiros. Pode advir a morte. No agir de Ulisses e de seus companheiros se destina o sentido do que eles são. E isso o angustia. Todo agir essencial implica um destino. Qual é a Essência do agir? “De há muito que ainda não se pensa, com bastante decisão, a Essência do agir. Só se conhece o agir como a produção de um efeito, cuja efetividade se avalia por sua utilidade. A Essência do agir, no entanto, está em con-sumar. Con-sumar quer dizer: conduzir uma coisa ao sumo, à plenitude de sua Essência. Levá-la a essa plenitude, pro-ducere. Por isso, em sentido próprio, ão pode ser consumado o que já é. Ora, o que já é, antes de tudo, é o Ser ... *no pensamento* o Ser se torna linguagem” (Heidegger, 1967: 23).

No pensamento, no mito, na poiesis, o Ser se torna linguagem. Ulisses está diante dos companheiros e decidiu-se pela Escuta. Mas sabe que as ações suas e de seus companheiros não auferem o seu vigor de sua decisão e poder pessoal, mas só na medida em que elas respondem e correspondem ao destino. Nesse horizonte, a decisão pela Escuta do Canto das Sereias se inscreve no horizonte da tomada de posse do seu quinhão, da realiza-

ção da sua Moira, enquanto con-sumação do que é. Nessa con-sumação, como travessia, ele realiza o seu destino. Por outro lado, o Canto das Sereias, nessa dimensão, não lhe advém como uma posse pessoal, mas como o destino de todas as possibilidades, como destino de todos os destinos, porque ele traz algo funesto, algo radicalmente funesto para os mortais: a morte. A ambigüidade do destino, do Canto das Sereias, vai produzir em Ulisses também uma Escuta ambígua. É o que veremos adiante quando examinarmos a Escuta do Canto das Sereias.

Diante do perigo mortal, Ulisses, no relato a seus companheiros, começa acentuando dois aspectos interligados e fundamentais: o saber, o tomar consciência e o destino que implica esse saber. De novo, não é um saber como qualquer outro saber, é um saber que abre para o que o destino é. E aqui o destino é o próprio mito enquanto saber. Experienciar o destino é experienciar o mito, e experienciar o mito é experienciar o saber. Saber é tomar consciência do destino. Este envolve a todos e não apenas a Ulisses, daí insistir no saber, no tomar consciência:

Caros amigos, não basta que um só, ou que dois fiquem conscientes do que respeita ao destino que Circe preclara me disse. Não; quero tudo contar-vos, porque procuremos a morte conscientemente, ou possamos fugir do Destino funesto.

Odisséia, XII, 154-157. Trad. Nunes, 1960: 183.

Em quatro versos, a referência duas vezes ao destino é fundamental, porque ilumina a compreensão do próprio mito do Canto das Sereias. Este implica o *destino*. Como agir diante do *destino*? Quando Ulisses, no verso 155, se refere ao *destino* que Circe lhe predisse, não há o que questionar, ele representa o quinhão partilhado de cada um. Esse é o quinhão de Ulisses. E desse todos devem saber. Mas além de *todos* saberem, devem também saber *tudo*. É este *tudo* que determina o agir deles. Não há neste agir o exercício de uma vontade pessoal, individual. Pelo contrário, a alternativa aí é: ou seguem conscientemente o *destino* e fogem à morte, ou não seguem e encontrarão o *Destino* funesto (verso 157), a morte. Logicamente, é uma alternativa falsa: ou seguem o destino e vivem ou não seguem e encontram o destino, e morrem. Mítica e poeticamente não há alternativa nem falsidade, é o único caminho, porque o destino, por sua origem dupla, como

vimos, articula uma ambigüidade, ser e não-ser, para além da afirmação da vontade humana. Mas ao agir, enquanto Escuta do destino, é que Ulisses afirma e realiza a sua liberdade enquanto realização do que é. É nessa abertura de Escuta do destino que Ulisses tem acesso e não tem à Escuta do Canto das Sereias. Elas, enquanto destino, podem implicar a morte. Esse é o saber e o querer ao qual devemos estar poética e ontologicamente abertos, onde e quando necessidade e libertação são *um e o mesmo*.

Há o *Destino*, mas a fala da palavra cantada e a Escuta podem implicar a morte ou não, tornando-o *funesto*. Isso deve ser feito conscientemente. A morte anuncia a consumação do destino, daí a sua qualificação como “funesto”. Se devem todos evitar as Sereias, só a Ulisses é permitido a Escuta: “Somente a mim permitiu que as escutasse.” Mas para isso deve ficar amarrado. Ulisses se dimensiona pelo destino, porque ao mesmo tempo que pode afirmar o seu querer, deve igualmente negá-lo, pois tem que ficar amarrado, preso, limitado. É nessa duplicidade ambígua de ações que Ulisses pode realizar a Escuta. E ele obedece à orientação de Circe. “Obedecer não é cumprir ordens. É , ser todo escuta de vigor desta liberdade ...” (Leão, 1977: 239). Só por obedecer é que Ulisses se pode libertar para a Escuta. Aparentemente, o importante não são as Sereias mas a palavra cantada. Na realidade, não há separação, as Sereias são a própria palavra cantada. O perigo está na Escuta. É nela que o Destino se destina. Por isso, Ulisses tem que ser amarrado. Este é o enigma e a questão do mito. Os companheiros de Ulisses foram transformados em animais por Circe porque não estavam possuídos pelo poder de Hermes. Só Ulisses. E vence Circe. Por isso, os companheiros também não podem escutar as Sereias. Eles têm outro destino: fazer a travessia enquanto travessia de Ulisses. Para isso foram com ele à guerra, lutaram e tentam, sempre juntos, retornar ao lar. Mas o quinhão dado a cada um já dizia que isso só aconteceria a Ulisses. Como o destino nunca é visto individualmente, mas de acordo com o *génos*, na sua manifestação, a eles caberia não ouvir para que Ulisses pudesse ouvir. Eles, enquanto destino, são a salvaguarda de Ulisses: têm os ouvidos fechados com cera, remam fortemente e não obedecem à vontade de Ulisses quando este ordena que o soltem. Pelo contrário, cumprem o seu e o destino de Ulisses, obedecendo ao destino. É nesse momento de união que se mostra de maneira fundamental o choque entre a vontade

humana individual e a vontade inerente ao destino. Ser é obedecer como Escuta à voz do destino, o contrário seria a morte, não cumprindo o destino pelo qual cada um se apropria do que lhe é próprio. A ação de Ulisses é guiada pelo consumir o que é e não pela satisfação de um desejo cuja extensão seria uma satisfação subjetiva de pura curiosidade. O que aconteceria se Ulisses, contrariando o destino, não quisesse ouvir, tapasse os ouvidos também? Do ponto de vista da travessia seria também a morte, porque encerrado nos limites, não saberia os limites, uma vez que não saberia o não-saber (o não-finito) do seu saber (o finito). Seria do mesmo modo a morte, porque não se saberia mortal. Por isso, Ulisses pode e quer escutar. Para escutar as Sereias, tem de estar de posse da palavra cantada. Ulisses, pela sua Escuta, apodera-se do que já tem (destino), mas não sabe, e do que não tem e já sabe (destino). Por isso, será uma escuta ambígua, como veremos. Esse é o nosso destino, vivermos ambigualmente: sermos e não-sermos, saber e não-sabermos.

Ulisses anunciou o mito aos companheiros. A sua fala é o mesmo mito enquanto anunciado, mas ainda não realizado. Não adianta ter a palavra cantada anunciada, memorizada, se ainda não foi realizada. Ulisses mitifica o que Circe mitificou. O relato de Homero é poético porque o agir de Ulisses é poético. Não podemos esquecer que o poeta é um aedo, isto é, um cantor. E só é poeta/aedo cantor porque canta a Escuta das Musas, ou seja, o canto das Musas/Sereias. O poeta/compositor não anuncia nada de diferente a nós homens. Diz Ulisses: *Somente eu posso escutar* (verso 160). Por que somente ele pode escutar? Esta escolha o mito narra, mas não explica. E nem precisa. Basta atentar para as ações de Ulisses. E uma coisa fica clara: Não é uma decisão pessoal. O apelo vem de uma força que radica no que há de mais profundo e interior a nós, e que pede uma abertura: a Escuta. Ou seja, há uma disposição constitutiva do homem para ser, mas temos que realizar essa disponibilidade. Certamente cada um de nós deve esperar o seu dia de ser Ulisses e escutar a palavra cantada que encanta, brotando de nosso âmago. Em algum momento, sempre diferente para cada um de nós, haverá o apelo para que nos dispunhamos para a Escuta da fala da palavra cantada. Porque, embora os mitos vivam hoje ausentes, ainda assim temos sempre vivo o mítico, que é um apelo para a Escuta do canto das Sereias. Cada um de nós já está desde sempre aberto para a

fala da Escuta, mas há um tempo próprio, que os gregos denominavam Kairós o tempo do ad-vento, do momento oportuno, que não se regula por datas nem por causas e conseqüências conhecidas cientificamente, muito menos por análises ou explicações técnicas. É o advento do inesperado, do extraordinário, do mistério, do vigor poético da palavra cantada, da fala do Lógos. Não é o desejo de algo consciente ou inconscientemente manifestado, mas um despertar para realizar a travessia do que somos. Porém, há o perigo da morte e Ulisses está consciente disso, como nós estamos conscientes ou deveríamos estar. Mas a educação, a sociedade e o sistema não ajudam. E interiormente repetimos: Não sou Ulisses. Mas quem é Ulisses? Ele nos aparece poeticamente como o nobre, o como deus, o exemplo de astúcia sábia e rara. Ulisses realiza poeticamente o que nós aspiramos a fazer vivencialmente, é para cada um de nós a possibilidade de realizar a travessia enquanto enfrentamento da morte, através da astúcia sábia.

Ulisses é a astúcia do saber ser. Esse saber ser é que o cotidiano da vida moderna nos encobre pelo esquecimento dos mitos, substituídos pelas falas da comunicação e pela afluência dos produtos consumíveis, pelas fáceis emoções estéticas e pelo ocultamento do perigo da morte. Mas ainda se faz presente o poder e vigor da palavra cantada, como convite radical ao saber ser, nosso destino. Mas quem está aberto para a sua escuta e para enfrentar o perigo da morte? Porém, de onde vem o perigo da morte? Por que as palavras doces, divinas e encantadoras das Sereias podem levar à morte? Não há aí um paradoxo? Certamente, e esse é o vigor poético da palavra cantada: a sua ambigüidade. Mas todo viver não é ambíguo? Não estamos, a cada momento que vivemos, ao mesmo tempo morrendo? O perigo e a possibilidade da morte é uma experiência de vida. A ciência nos acena com a vida biológica e lá no seu final, a morte. É um engano, é um embuste. Existencialmente morremos desde que nascemos. E isso é bom, porque só morrendo é que podemos saber que vivemos, não a vida biológica, mas o que somos e não-somos. Essa é a nossa travessia poética, o nosso destino.

O advento e a possibilidade da Escuta não são fruto de um desejo de Ulisses, isto é, nosso. Podemos ou não apenas acolhê-la. A vinda da poesia não é uma decisão do poeta, pode sim ou não acolhê-la, porque a poesia é o advento e presentificação-doação da fala das Musas, o encontro com o canto divino e encantador

das Sereias. Atentemos para a aventura e ventura de Ulisses. Ele quer, decidiu-se pela Escuta. Contudo, o que Ulisses escuta? É o terceiro relato:

Mas ao chegar à distância somente de grito da praia, com toda a força a remar, não passou nosso barco ligeiro despercebido às Sereias, de perto, que entoam sonoras: “Vem para perto, famoso Odisseu, dos Aquivos orgulho, traz para cá teu navio, que possas o canto escutar-nos. Em nenhum tempo ninguém por aqui navegou em nau negra, sem nossa voz inefável ouvir, qual dos lábios nos soa. Bem mais instruído prossegue, depois de se haver deleitado. Todas as coisas sabemos, que em Tróia de vastas campinas, pela vontade dos deuses, Troianos e Argivos sofreram, como, também, quanto passa no dorso da terra fecunda”. Dessa maneira cantavam, belíssima. Mui desejoso de as escutar, fiz sinal com os olhos aos sócios que as cordas me relaxassem; mas eles remaram bem mais ardorosos. *Odisséia*, XII, 181-194. Trad. Nunes, 1960: 184.

Vejamos o que acontece quando o mito se realiza. O navio passa perto da ilha, “...à distância somente de grito da praia ...”, e as Sereias o percebem e temos então a sua fala, que é palavra cantada. Em primeiro lugar se dirigem diretamente a Ulisses, pois sabem que ele as escuta. E o convidam para a Escuta da sua “...voz inefável ...”. São duas as Sereias e entidades femininas, fontes e sedes da presentificação-doação da vida. O que elas prometem? Depois de ouvi-las, dizem, não aludindo em nenhum momento à morte: “Bem mais instruído prossegue, depois de se haver deleitado.” E por que a Escuta leva ao saber e ao deleite? Porque elas sabem tudo: o que foi, o que é e o que será:

Todas as coisas sabemos, que em Tróia de vastas campinas, pela vontade dos deuses, Troianos e Argivos sofreram, como, também, quanto passa no dorso da terra fecunda”.

A dificuldade maior de penetrarmos no mito está em não mais acreditarmos em mitos, pois buscamos sempre um saber conceitual, explicativo, subentendido, simbólico. As Sereias não são mulheres que sabem e cantam o saber. Elas são simplesmente o saber e o canto. No saber das Sereias se dá o saber como sabor: divino e encantador: “Bem mais instruído prossegue depois de se haver deleitado.” Na palavra cantada não se dá apenas

a experiência estética, mas enquanto poética, ela é também ética, ou seja, ontológica. O canto é o próprio e mais profundo saber se manifestando enquanto o que é. As Sereias, propriamente, não cantam algo, são a própria palavra cantada. O mito é o convite não para a representação de algo, mas para a Escuta da própria e verdadeira manifestação da realidade. Esta manifestação se dá na palavra cantada como saber e sabor, por isso inefável. Quando as Sereias cantam: “Todas as coisas sabemos...”, elas são a própria memória, em grego, *mnemósine*. No mito das Sereias, *Mnemósine* se dá como palavra cantada. Esta não é portadora deste ou daquele saber, é o próprio saber, todo saber. Diz Antônio Jardim: “... a memória está associada a *Mnemósine*, filha de *Ouranos* (Céu) e de *Gaia* (Terra). Ela é a um só tempo, personificação da memória e mãe das musas. Ela é onisciente” (Jardim, 1997: 153). E Torrano confirma: “... a memória gera e dá à luz as Palavras Cantadas, que na língua de *Hesíodo* se diz *Musas*” (Torrano, 1992: 16). Poética e miticamente a Palavra Cantada nos aparece como Memória, Musas e Sereias. Estas, por tudo sabermos, têm como reverso a morte. Há a definição da morte “biológica”, mas nós não sabemos o que é a morte do que somos. E por quê? Quem experimentou a morte não voltou para dizer. A morte é o umbral do não-saber, do saber infinito. Nosso saber é finito.

Podemos falar de duas escutas de Ulisses em relação ao canto das Sereias ou de uma Escuta ambígua. Uma que ele realizou e outra que ele não realizou, mesmo aberto para a Escuta e atento à fala. Daí não ter morrido. Em meio à travessia do mar, que é a travessia de Ulisses, amarrado ao mastro do barco, com os ouvidos bem abertos, os companheiros remam com força. As Sereias chamam, seduzem Ulisses e dizem porque ele *deve* ir para a ilha, se aproximar. É a primeira escuta. Ulisses escuta de fato as Sereias. E elas prosseguem dizendo o que resultaria da aproximação e entrega: o saber/sabor inefável e encantador de seu canto. Elas convidam ao pleno saber e ao pleno sabor, pois podem isso doar porque tudo sabem e são a própria palavra cantada. Terminada a fala/canto, observa Ulisses: “Dessa maneira *belíssima* *ãantavam*.” Ulisses fica totalmente seduzido e envolvido, e diz: “Mui desejoso de as escutar, fiz sinal com os olhos aos sócios que as cordas me relaxassem.” Se *ãstã* “Mui desejoso de as escutar ...”, depois de ouvir a fala das Sereias, é porque já escutou e não escutou. É a segunda escuta, que ele não realiza, e não realiza porque os com-

panheiros, advertidos, não lhe obedeceram, o prendem com mais força e remam mais rapidamente, afastando-se das Sereias. Estas falam cantando e ele escuta, e lhe anunciam algo que ele não pode escutar, senão morreria. O que o mito quer dizer com esta dupla escuta? Nada mais além do que o mito diz: que há uma dupla escuta em nossa vida, ou seja, que a escuta é ambígua, que a palavra cantada é ambígua, que o real é ambíguo, que o destino é ambíguo. Circe adverte Ulisses do perigo da morte e ensina como fugir dele. O mesmo repete Ulisses aos companheiros. As Sereias não falam da morte, não poderiam falar de morte, só do saber pleno, divino e inefável, porque a tensão entre saber e morte só existe para nós mortais. Só por sermos mortais é que podemos saber. Plantas e animais não morrem, não sabem que morrem, perecem. O saber das Sereias é um saber que nos faz ultrapassar os umbrais da morte. Um tal saber só se experiência como fala do silêncio, tão plena que é a não-fala. Se queremos a palavra cantada e, como saber pleno é a morte, então, no fundo, queremos o não-querer, o destino que nos advém das Mòirai, filhas da Noite. A palavra cantada nos convida à escuta da fala do silêncio, mas como mortais só a podemos *alcançar* nos limites da fala. Aí está o perigo e ao mesmo tempo nossa salvação: vivermos no limiar. O vigor poético da palavra cantada se dá sempre num limiar em meio ao limite e ao ilimitado. Essa é nossa situação e condição, essa é a situação e condição de Ulisses: somos irremediavelmente mortais e finitos, mas convocados ao infinito pela Escuta.

A Travessia Poética

Imaginemos Ulisses em meio ao mar escutando as Sereias, experienciando a Escuta da palavra cantada. O mar, à sua volta, móvel e infinito é o não-caminho, porque é a possibilidade de todos os caminhos. Nele e por ele, o caminho se faz ao navegar, nele, o navegar, ambigualmente, apaga o próprio caminho doado. O mar dá e tira, se desvela e vela. O que resta e o que nos identifica e dá sentido? O navio, o mastro, Ulisses preso ao mastro, escutando, assumindo a sua finitude, a sua condição de mortal, mas aberto para a Escuta. Por ser o não-caminho e o não-sentido, o mar é o não-saber de todo saber que se oferece como caminho, sentido e saber de nosso caminhar. O pleno saber das Sereias, da palavra cantada como voz do silêncio, que é a possibilidade da

experiência da morte, é a oferta do não-saber em todo saber da fala, é a oferta do não-caminho e do não-sentido em todo caminho e sentido do mar, em toda finitude da não-finitude. Por isso Ulisses tem que ser amarrado ao mastro do navio. O navio e seu mastro é o limite e a finitude no limiar do ilimitado e inefável do mar. A Escuta para se tornar Escuta precisa do limite, do limite da fala, do limite como caminho de sentido e verdade, no não-limite, no não-caminho, no não-sentido, na não-verdade do ilimitado do mar, da realidade, da vida como Destino. A mobilidade do mar é a própria mobilidade e instabilidade da palavra cantada. A sua forma não é a partitura. Esta é relativamente recente. A música sempre foi e é fundamentalmente oral. Confundir forma com algo palpável, visual e objetivo é um grande equívoco. O exemplo maior é a música, sempre no limiar da forma e da não-forma, porque é a realidade se manifestando. A mobilidade da obra musical se manifesta no ritmo. Mas o que é o ritmo? Não é algo cronológico em oposição à pausa, que pode ser sem fim. Isso já é um entendimento metafísico, conceitual, advindo da compreensão causal do tempo. Ritmo não é ordenação na duração, não é medida. O seu sentido originário é, segundo Benveniste: "... forma distintiva, figura proporcionada, disposição" (1991: 366). A forma é o real se manifestando, se dispondo, se dando e se retraindo. Ela se mantém sempre formante, dinâmica, ou seja, surge da afirmação do limiar tensional de finitude e infinitude. A determinação precisa e medida de um limite, de um corpo, de um perfil, de uma coisa, é sempre algo abstrato, meramente conceitual. Na realidade concreta não existe, e o maior exemplo é a música, a palavra cantada. Toda forma formante, enquanto ritmo, se faz presente como vigor poético manifestativo, como doação (presente). Por isso toda forma, enquanto poética, é musical. A palavra cantada não é algo que acontece ou não em nossa vida, somos radicalmente musicais. Em meio ao infinito do mar, do pleno saber da palavra cantada, precisamos ser amarrados e assumir nossa finitude, para que possamos escutar. Amarrarmos aos nossos limites e assumir nossa finitude não é estagnar, parar, negar o querer, mas singrar o mar da travessia da vida, libertando-nos. Entre o limite da fala e o ilimitado da voz do silêncio se dá a Escuta. Nela nos advém o ilimitado de nossos limites, da nossa finitude, nela e por ela sabemos o não-saber, somos o não-ser, daí o perigo iminente da morte, daí a necessidade de

assumirmos a nossa finitude, mas com os ouvidos bem abertos para o canto divino e encantador das Sereias, para o vigor poético da palavra cantada. Em meio ao infinito do mar, ao infinito do real há uma ilha, a ilha da palavra cantada, dela, pela Escuta, nos advém o sentido e verdade da nossa vida. Podemos ou não acolhê-la e nos decidir por ela, como fez Ulisses, e isso é o ético, a ação ética, a assunção do destino. Por isso todo acolhimento do vigor do poético se transforma numa ação ética, porque só então somos. Mas não somos nem o mar nem a ilha. Como mortais, buscamos a vida e esta nos advém na tensão e ambigüidade do não-limite, do abismo do mar e do divino e mortal encantamento da palavra cantada, que se dá e se retrai. Nossos caminhos, o frágil navio que singra, o mastro ao qual estamos, em pé, amarrados e o sentido da Escuta são uma doação do mar instável e infinito, do real se realizando, do destino se destinando, e não uma conquista de nosso querer. Sempre em estado de limiar, somos um frágil e instável corpo que, em meio às infinitas possibilidades, abre o seu caminho a cada escolha, a cada escuta, fazendo da vida uma travessia poética. Só amarrados ao mastro do nosso corpo-navio podemos manter os ouvidos bem abertos para acolhimento do canto das Sereias, e assim nos preservamos da morte, fazendo da travessia poética uma caminhada de saber, sabor e sabedoria, em direção à con-sumação e plenitude do que somos.

Em meio à vida cotidiana, somos assediados e seduzidos pelas muitas falas do sistema, sem tempo para a Escuta. O mito nos fala de três escutas. A escuta de Ulisses diante da fala de Circe, o anúncio a partir do ciclo da vida e da morte, mais uma etapa no cumprimento do destino. Nós, Ulisses, possuído por Hermes, pela Linguagem enquanto poder poético, em meio ao de-correr e percorrer da sua vida, em meio à vida cotidiana, pode se abrir para uma outra escuta. Mas para tal é preciso querer, nem que este querer implique o não-querer. Depois Ulisses fala e seus companheiros escutam. É a segunda escuta. É uma fala onde se nega para eles a possibilidade de outra Escuta. Não há querer, porque não há abertura para o que se pode querer. A eles, filhos do cotidiano, esquecidos da sua origem, só resta a música surda, os ouvidos fechados para o que não pode ser ouvido. A terceira escuta também é de Ulisses, mas ambígua e perigosa, como vimos. Em meio ao cotidiano da nossa vida, nem sempre estamos dispostos para a terceira e ambígua Escuta, para a terceira margem do rio,

para a voz do silêncio. Da Escuta e da Não-escuta do canto das Sereias se faz a nossa travessia poética. Ulisses não é apenas astucioso, é sábio. Mas onde a sabedoria em meio à sociedade da comunicação e do consumo? O apelo originário para ser, ontem, hoje e sempre, como muito bem diz o mito, nos advém no Canto das Sereias. Cada um tem que assumir a sua travessia poética pela Escuta da fala da voz do silêncio.

Ou será que, seres do saber da ciência, esquecidos do sagrado, em meio à vigência do profano e da estética, filhos cooptados pelo sistema de controle, pela sociedade em rede, pelo desejo insaciável de novas sensações, não aceitamos mais as Sereias e também fechamos nossos ouvidos com cera como os companheiros de Ulisses? Temos os ouvidos surdos para o vigor do mito? Ou nem os fechamos e no caminhar de nossos passos constatamos que não há canto e o perigo mortal é um blefe? É o que nos quer fazer acreditar o sistema, porque o sistema vive da crença. Esta nos projeta em duas ilusões. A de que podemos destruir o sistema, como se isso não implicasse na eleição de um outro, talvez pior, porque destrói as diferenças. É o que muitas experiências históricas nos dizem, com a opressão e destruição dos dominados, dos colonizados, de povos feitos escravos, de fogueiras de inquisição, de holocaustos e de guerras de extermínio. E a outra, a de que podemos realizar os ideais e o cânone que o sistema nos propõe. E aí viramos vítimas dos paradigmas. De um sistema moral que serve aos dominadores. Sem ilusões nem modelos, com agir ético, precisamos nos abrir para a palavra cantada e seu convite à Escuta, porque somos finitos e precisamos de sistemas, mas só para ultrapassá-los e afirmar igualmente a não-finitude, pelo poder libertador da palavra cantada. Esta luta não é algo de individual contra o social. Essa dicotomia já é metafísica e não dá conta da realidade. É algo mais profundo. A modernidade, com Kant, elegera como lema: *Sapere aude* (Ousa saber). Este lema, tornado base do sistema, precisa da sua contrapartida e complementação, para afirmação das diferenças: *Ousa saber e não saber*. É o que já nos lembrava há dois mil e seiscentos anos Chuang Tzu: “Você sabe que podemos voar com asas: ainda não aprendeu a voar sem elas. Já se familiarizou com a sabedoria dos que sabem, mas ainda não se familiarizou com a sabedoria dos que não sabem” (*A via de Chuang Tzu*, 1996: 72). As diferenças não podem cair na dicotomia metafísica, invertendo o sistema pela afirmação de um

outro, mas afirmando, sim, a identidade, porém, como identidade das diferenças e diferenças da identidade (alteridade e ipseidade). A diferença, porque é diferença, vigora no âmbito sempre do não-saber. Ousar saber e ousar não-saber significa saber e não-saber, ser e não-ser, significa assumir a liminaridade de finito e infinito. Nessa tensão liminar nos realizamos como diferenças. É a medida da Escuta de Ulisses que nos advém como palavra cantada, como Escuta do mito das Sereias. Por isso precisamos ter sempre presente o pensar poético de Heráclito:

Se não se espera, não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro nem vias de acesso.

(Frag. 18, trad. Leão, 1991: 63) Rio de Janeiro, 10 de junho de 2003

ABSTRACT: Music in a consumption society and music as Listening. Interpretation of myth, of mermaid singing, of odyssey, from mythical point of view. Myth and art. Myth and ceremony as speech and language. lysses and destiny. Destiny and freedom. Freedom and horizon. Horizon and threshold. The radical call of Listening and life experience as poetic crossing.

KEY WORDS: music - listening - destiny - crossing

Referências Bibliográficas

JARDIM, Antônio. *Música: vigência do pensar poético*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras – UFRJ, 1977. Mimeo.

OS PENSADORES ORIGINÁRIOS. *Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis, Vozes, 1991.

SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante (Org.). *As cordas serenas de Ulisses*. In: Ensaios de filosofia. Petrópolis, Vozes, 1999.

TORRANO, Jaa. *O mundo como função de Musas*. In: HESÍODO. *Teogonia*. S. Paulo, Iluminuras, 1992.

_____. *O sentido de Zeus*. S. Paulo, Iluminuras, 1996.

HOMERO. *Odisséia*. 3. ed. Trad. Carlos Alberto Nunes. S. Paulo, Melhoramentos, 1960.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 6. ed. Rio, José Olympio, 1968.

HEIDEGGER, Martin. Qu'est-ce que la métaphysique. In: *Questions I. Paris, Gallimard*, 1968. ("Le penseur dit l'Être. Le poète nomme le sacré.")

_____. *Carta sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio, Tempo Brasileiro, 1967.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, UNICAMP, 1991.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. 2. ed. Rio, Record, 1984 (p. 95).

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a pensar II*. Petrópolis, Vozes, 1992.

_____. *Aprendendo a pensar I*. Petrópolis, Vozes, 1977.

A VIA DE CHUANG TZU. Adaptação de Thomas Merton. 8. ed. Petrópolis, Vozes, 1996 (p. 71).

PARMÊNIDES, Fragmento 1, Diels-Kranz, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, Berlim, De Gruyther, 1959, I.